

## UM VAQUEANO SEM IDENTIDADE \*

Maria Eunice Moreira  
PUCRS

A literatura sul-rio-grandense registra seu desenvolvimento efetivo a partir da segunda metade do século passado, quando associações mais duradouras começam a se organizar na Capital e expandir seus mecanismos de divulgação às demais cidades da província.

Entre essas organizações destaca-se a Sociedade Partenon Literário e seu esforço para o fortalecimento da literatura local, com a incorporação de recursos regionais na exploração de uma produção literária original.

A orientação provém do Romantismo, tardiamente encampado por seus membros, e, em especial, de seu representante mais expressivo — José de Alencar. A importância do escritor cearense na direção do fenômeno literário sul-rio-grandense pode ser compreendida a partir do estudo biográfico que lhe dispensa o líder da sociedade literária recentemente fundada em Porto Alegre. Em 1873, Apolinário Porto Alegre escreve, nas páginas da **Revista da Sociedade Partenon Literário**, um extenso ensaio que, expandindo o caráter biográfico do texto, firma o lugar de supremacia de Alen-

---

\* Parte deste texto foi extraído da Tese de Doutorado intitulada **Nacionalidade e originalidade: a formação da literatura brasileira no pensamento crítico do Romantismo**, apresentada na PUCRS, em 5 de setembro de 1989.

car na literatura brasileira e esclarece a posição dos literatos locais em relação às questões literárias de sua época.

Para Apolinário, a tarefa que se impõe a sua geração é a de fomentar a literatura local e isso significa, no momento, engajar-se às propostas dos românticos do centro do País, associando o Rio Grande no compromisso de exploração da literatura nacional.

A lição é facilmente compreendida e ensina que o percurso dessa literatura deve seguir a orientação alencariana, incorporando os elementos particulares do espaço onde ela se manifesta — a província rio-grandense.

É no romance *O vaqueano*, escrito por Apolinário Porto Alegre, em 1872, que se pode constatar a similaridade com a produção ficcional de José de Alencar, a partir do modelo traçado em *O guarani*, e a pretensão do escritor sulino em aproveitar o espaço rio-grandense para a construção da narrativa.

*O vaqueano* toma como personagem principal um tipo característico da região sulina, envolvendo-o numa trama de efabulação romântica, na qual o tema norteador — a vingança — mantém uma aproximação com, pelo menos, dois textos anteriores de Alencar: *O guarani* e *O gaúcho*. Gil de Avençal, abastado estancieiro, foi assassinado, juntamente com sua mulher e filhos, restando da família apenas o primogênito, José, salvo por uma mucama. Educado pelo cavaleiro de Amaral e sua esposa, o menino vive com o casal, preparando-se para vingar a família. Quando parte para cumprir sua missão, conhece Rosita, filha do antigo posteiro de seu pai, José Capinchos, por quem se apaixona, sem desconfiar ser este o assassino. A execução final do plano de vingança leva-o a se afastar de Rosita, passando a narrativa a girar em torno do envolvimento amoroso do par e das contrariedades do irmão da moça, que deseja, agora, matar José para vingar a morte do pai.

Num cruzamento, observa-se em *O vaqueano* a estrutura narrativa adotada por Alencar na construção de seus romances: nesses, como na organização literária de Apolinário, presentifica-se o modelo anteriormente delineado, pois o romance gaúcho apresenta um tema — a vingança; um protagonista — o rio-grandense José de Avençal; uma cena — os campos da Vacaria; uma época — os anos intermediários da revolta farroupilha. Além disso, a marca histórica imprimida por Alencar transparece na narrativa. Sem caracte-

rizar o romance histórico, uma vez que os fatos aparecem como pano-de-fundo para o desenvolvimento da trama, a novela de Apolinário sugere uma inclinação por essa modalidade narrativa.

Em outros aspectos, *O vaqueano* também se compromete com a realização ficcional de Alencar. Ao situar o romance no espaço brasileiro, o narrador procura mimetizar a realidade nacional, aproveitando personagens retirados do habitat americano e recorrendo aos episódios da história do país. Esses tópicos, que constituíram a tráfede sob a qual apoiou a construção de *O guarani*, servem de roteiro para a leitura do texto de Apolinário.

No primeiro capítulo, intitulado "Paisagem morta", o romancista descreve a cena de abertura de *O vaqueano*. Como o título sugere, o cenário abre com um quadro hibernal, onde dominam o frio e a neve:

Casa neve em flocos. O frio, intenso. O mistério daquela natureza recolhida e inânima, profundo e terrível. Não tinha só a melancolia do deserto, o vago e indefinido que coam na alma as matas e savanas americanas, tinha mais o tom baço, a desoladora taciturnidade, a paralisia, a inércia, a aparência de cadáver que ressaltam da quadra hibernal.<sup>2</sup>

O lado exótico da paisagem é acentuado quando o narrador indica as condições de vida do homem, em consonância com a natureza:

Não sei que íntima e mística afinidade existe entre a natureza e a alma humana, que a morte-cor de uma se reflete na outra (...)<sup>3</sup>

O cenário descrito dificulta a identificação do espaço narrativo pela ausência de anotações de suas particularidades. O interesse do romancista em determiná-lo, leva-o a sua delimitação pela referência aos acidentes geográficos:

Ao norte o Rio Pelotas arquejava, decantando febrilmente um réquiem; ao sul o Taquari o acompanhava em notas não menos lúgubres; de um lado o lombo verde-negro da Serra Geral, interceptando o horizonte; do outro o Mato Português, cuja respiração simulava o paroxismo cruel do leviatã que estrebucham.<sup>4/5</sup>

O quadrante delimitado ocupa um ponto do território rio-grandense, cabendo ao narrador a informação objetiva: "Eram os campos da Vacaria".<sup>6</sup>

A situação inicial proposta pelo narrador pode ser analisada sob dois aspectos: ela se enquadra nos postulados românticos que estimulam o aproveitamento das singularidades da terra brasileira como necessário para a construção de uma expressão artística original; ao mesmo tempo, ajusta-se ao compromisso dos literatos locais em dar vazão às peculiaridades regionais, como forma de contribuir para o processo literário nacional. Nesse caso, Apolinário cumpre as exigências expostas no estudo sobre Alencar, introduzindo em seu romance o espaço rio-grandense.

Apresentada a cena na qual desenvolverá a trama narrativa, o narrador dirige sua atenção para o atendimento de outros itens considerados na análise de *O guarani* e que, segundo a sua avaliação, asseguram a boa realização do texto ficcional de Alencar e denotam a vocação nacionalista de seu autor. A questão remete ao levantamento do elenco de personagens de *O vaqueano*, segundo ponto orientador desse estudo.

Tal como *O guarani*, o quadro de personagens do texto de Apolinário organiza-se em torno de dois grupos, representantes dos segmentos tratados por Alencar: o estrangeiro e o nativo. Na primeira condição, encontra-se o cavalheiro de Amaral, cujos atos e valores obedecem às normas da cultura européia; ao segundo, pertencem os índios da tribo dos Guaicacanãs. Estabelecendo o liame entre eles, situa-se José de Avençal, rio-grandense sujeito às regras de seu preceptor, e o mulato Moisés, marco entre a civilização e a barbárie.

Um exame individual comprova a aproximação entre o cavalheiro de Amaral e a personagem lusitana do romance alencariano, D. Antônio de Mariz. Nobre pela ascendência, o fidalgo português do romance gaúcho, "em consequência de uma série de duelos contrários às disposições da Ordenação, fora obrigado a expatriar-se de Portugal",<sup>7</sup> fixando-se no Brasil. Amaral, como D. Antônio, "vive feliz e tranquilo num recanto da América".<sup>8</sup> revisando seus conceitos decorrentes da educação que recebera. Entre esses, sobressaía uma reflexão sobre as raças, que lhe resultara numa nova

concepção sobre o negro, advindo de sua observação direta do comportamento desses elementos.

Em seus domínios, o lusitano repete o "modus vivendi" de seu conterrâneo de *O guarani*, norteando-se pelas regras de sua cultura de origem. Assim, quando o menino José é salvo pela mucama negra, após o extermínio de sua família, e entregue a sua educação, tem seu comportamento determinado pelo paradigma europeu. O cavalheiro lhe transfere as condições de filho legítimo e o inscreve no código pelo qual se pauta:

Deu-lhe mesmo uma tintura da arte heráldica, que enfim de nada servia para o moço, mas que satisfazia um dos gostos especiais do preceptor, evocando recordações européias.<sup>9</sup>

Até a maioria do jovem, Amaral o orienta sob esses preceitos, respaldando com eles o ato de reintegração de posse de José na propriedade de sua família, como "legítimo senhor de juro e herdade",<sup>10</sup> na frase da antiga etiqueta mantida.

Em oposição ao segmento representativo da civilização, encontra-se o grupo dos elementos nativos, onde imperam os valores da liberdade. O mulato Moisés, vivendo entre a tribo indígena dos Guaicanãs, proclama o valor da liberdade:

— Liberdade?! Quem é mais livre do que Moisés aqui na serra, onde não há ódio de raças? onde o homem domina a terra, onde o amigo não mente ao amigo e a mulher não mente ao marido? Não quero mais liberdade do que tenho. Ofereceis riquezas? Quem é mais rico do que Moisés?<sup>11</sup>

Casado com uma índia, Moisés ocupa uma posição intermediária, constituindo "um marco miliário entre a civilização e a barbárie".<sup>12</sup> o trânsito da segunda para a primeira só é possível porque Moisés preenche os valores provenientes desse mundo — a lealdade, a confiança. A honradez, exigida e imposta por Amaral, é cumprida pelo mulato que tem a oportunidade de demonstrá-la reiteradas vezes ao longo de seu desempenho: como meio-irmão de José, reserva-se ao silêncio da declaração; como antigo elemento de confiança da família Avençal, garante a continuidade e a prosperidade da estância, após a morte do estancieiro.

O valor concedido a Moisés estende-se à mucama, salvadora

do menino, e transforma o juízo de Amaral que, tendo dedicado suas reflexões às raças, pronuncia seu julgamento final sobre o negro:

O negro deixou de ser o orangotango, o ente inferior julgado não só incompleto e defeituoso pelas formas, como pela inteligência [e] (...) começou a reassumir os direitos que lhe negavam por aferro de opinião ou torpe especulação de negreiro; desde então merecia para ele o título de homem.<sup>13</sup>

A posição desfrutada principalmente por Moisés estabelece um liame com a de Peri, pois tal como esse, o mulato efetiva sua passagem ao mundo dos brancos. O fato é significativo no romance de Apolinário, sugerindo uma relação de igualdade entre os diferentes segmentos sociais. No entanto, essa não se concretiza e o narrador acaba por colocar cada um no lugar que lhe é previamente estabelecido: cumprida sua missão, a mucama desaparece do texto narrativo e o mulato Moisés, retorna ao lugar de onde proveio — a tribo indígena.

O papel desempenhado por cada personagem é esclarecido na medida em que se desenvolve o conflito íntimo de José de Avençal, o vaqueano do texto de Apolinário. Representante do espaço rio-grandense, a personagem é introduzida num desenho que enfatiza as virtudes do homem gaúcho. Pelo exercício da profissão, Avençal é considerado o mais perito conhecedor da Província:

Não lhe escapava uma jeira de terra, ainda mesmo perdida nos ínvios sertões ou banhados de largo perímetro. Tinha a memória fiel até para as nugas locais. Era uma verdadeira vocação. Seu calendário de nomes abraçava do capão sumido na campina à restinga de mato ou arroio de exíguas cabedais. Constituída de per si o mais exato arquivo topográfico, um mapa vivo e pitoresco.<sup>14</sup>

No plano físico, suas qualidades ainda abrangem a perícia nos manejos de guerra. Seus defeitos — não falar, não beber, jogar menos e fumar pouco ou nada — são facilmente transformados em qualidades.

Essas virtudes, porém, não são exclusivas de Avençal mas, segundo o narrador,

os principais traços característicos da fisionomia (...) são tão reais, que os encontramos a cada passo em nossa Província, desde o pos-

teiro até o senhor da estância, desde a existência errante do tropeiro até a existência sedentária do guasqueiro ou trançador de lonca.<sup>15</sup>

O traço particular que distingue o moço da generalidade reside em outro aspecto: "a cor do mistério, a sombra da intensa melancolia que o destaca do tipo genérico. Não mais do que a ação de um drama nefasto".<sup>16</sup>

A diferenciação é necessária porque, a partir daqui, a personagem de Apolinário desfigura-se de seus contornos regionais para assumir a postura de herói romântico e cumprir a tarefa a que se propõe — vingar o assassino de sua família.

A trajetória em direção ao cumprimento da vingança obedece a três etapas: a partida, o reconhecimento e a realização do ato vingativo. Cumprida a fase preparatória na estância da família de Amaral, onde completa a sua educação, o moço Avençal parte, contando com o auxílio de Moisés.

O percurso de José de Avençal toma uma única direção, mas associa outra, também própria do enredo romântico — o envolvimento amoroso com a rio-grandense Rosita. Filha de Capinchos, antigo posteiro da família Avençal, a moça cumpre o papel de heroína romântica da narrativa. Sua apresentação corporifica o ideal do romancista, realizando a "comunhão do sangue americano e europeu", numa síntese em que a habitante da região serrana concilia em si os olhos negros "como dois guabijus",<sup>17</sup> um sorriso "como acentos de harpas eólicas"<sup>18</sup> e um corpo "de contornos de estátua helena".<sup>19</sup>

O encontro com Rosita, se atende a exigências da efabulação romântica do texto, ao mesmo tempo possibilita a introdução da mulher habitante do espaço rio-grandense, conforme aprovava Apolinário na obra de Alencar.

O envolvimento amoroso de Avençal não impede o prosseguimento de sua aventura heróica, encaminhando-o para a realização da etapa seguinte — a do reconhecimento. A participação de Moisés é fundamental para a identificação do assassino, porque o seu conhecimento do "sertão" rio-grandense o leva ao lugar do crime, onde a presença dos eferenciais regionais possibilitam a identificação:

— Tens na mão o nome... No cabo da faca e do retho, no isqueiro e na chilena... Olha a marca...

A marca era a mesma que tinha o gado de José Capinchos.<sup>20</sup>

O ato propicia a confirmação da lealdade do mulato e justifica a concepção do fidalgo português para quem o negro deixara de ser o "orangotango" para assumir a consideração de "gentil homem".

A presença do negro na obra de Apolinário o distancia de seu modelo, Alencar, que abolira as referências de mestiçagem em O guarani. Decorrente da ótica abolicionista do autor gaúcho, o negro emerge em O vaqueano, sem deixar, contudo, de mimetizar o papel que lhe é reservado em sociedade: marginalizado no grupo social dos brancos, no texto, sua presença é justificada por um motivo — a proteção a Avençal. Mas o narrador, ao aproximá-lo de outro segmento desprestigiado socialmente — os índios — acaba por reforçar a condição de inferioridade da raça negra, mostrando que seus ideais abolicionistas não conseguem afastar da narrativa a "brancura" que domina na sociedade. Mesmo sendo "bom", ele deve ser dela retirado e é por isso que o mulato, depois de cumprir sua tarefa, retorna ao convívio de seus iguais.

Aos silvícolas também está reservada uma participação na narrativa, embora sua inclusão no texto imponha-se pela subordinação do romance rio-grandense ao modelo alencariano.

Liderados por Moisés, os índios acompanham e protegem o herói em seu percurso em direção à última etapa de sua missão. O encontro do moço com Capinchos e a necessidade de solução de seu objetivo é dificultado pela relação entre eles. Frente ao pai de Rosita, Avençal sente-se impedido de cometer a vingança, cabendo aos Guaicanãs a tarefa:

(...) ouviu o ciciante estridor como de um bando de pássaros ao levantar o vôo. Era uma chuva de frechas que foram embeber-se-lhe no peito.

Estava morto sem exalar um gemido.

Os Guaicanãs mostraram a face de cobre por toda a parte.<sup>21</sup>

Como Alencar, Apolinário inclui o indígena brasileiro em seu romance e propicia a demonstração de seu lado selvagem que se so-

brepuja, no texto, a outras qualidades que poderiam ter sido ressaltadas — a lealdade e a amizade. Nesse sentido, sua eliminação é necessária, e o fim da narrativa coincide com o extermínio da tribo indígena.

Aproximando-se de seu final, O vaqueano move-se em direção à solução do drama amoroso. A relação entre Rosita e Avençal está impedida, pela decretação de uma interdição moral entre ambos: o gaúcho é o responsável pelo assassinato do pai da moça e a barreira que se interpõe entre o homem e a mulher, na verdade, dá-se entre eles e o mundo, entre os dois e as convenções morais ou religiosas da coletividade.

A feição nitidamente romântica da narrativa atinge seu clímax e determina a culminância da história de Avençal e Rosita. Morta a moça, sua cabeça é enviada ao noivo, que a recebe como forma de punição.

Impedido de solucionar o seu drama, dentro da realidade na qual está inserido, Avençal aproxima-se de outra, a sua, individual, buscando a própria morte. Duplamente punido — pelo desaparecimento da noiva e pela perseguição que lhe move o irmão da moça, desejoso de vingar o assassinato de seu pai — o vaqueano aguardará em outra instância a sua plena realização:

Avençal só ali conservava. Por minutos desaparecera na casamata. Quando voltou, trazia na mão um morrião aceso. As feições, há tanto contraídas pelos sofrimentos, difundiam-se numa alegria íntima e inefável. Volveu os olhos para o céu e pronunciou:

— Rosita, espera... é um instante.<sup>22</sup>

Os acontecimentos coincidem com os fatos históricos da tomada de Laguna e são executados quando se dá o confronto final entre imperiais e republicanos, num dos episódios mais importantes da Revolução Farroupilha. O registro remete à discussão do terceiro ponto destacado para a análise de O vaqueano: a história do território.

Ao fixar o tempo da narrativa, nas páginas iniciais do texto, o romancista determina o ano de 1838, quando os revolucionários rio-grandenses preparam-se para a tomada do continente catarinense, numa alusão à tendência histórica a ser explorada pelo romance. A Revolução Farroupilha constitui, do ponto de vista local, o

episódio mais envolvente do território sulino. Sua duração, seus ideais republicanos e sua ótica anti-monarquista e pró-federalista determina um padrão de comportamento. Como republicano, Apolinário coaduna-se com seus postulados, pretendendo corporificar, através da atuação de suas personagens, o modelo a ser seguido. Por outro lado, a exploração desse recurso levaria à concretização do romance histórico, o que ajustaria à narrativa do romancista gaúcho às experiências românticas que viam naquela modalidade a alternativa de renovação do gênero.

No entanto, se havia uma intenção histórica em seu romance, essa acaba não se concretizando. O episódio não é discutido na sua feição política, não são mencionados seus valores e objetivos, nem Avençal representa um padrão de comportamento em função de seu desempenho na luta. A revolução regional aparece como pano-de-fundo da história romanesca, constituindo uma oportunidade para breves referências a seus líderes — Canabarro e Garibaldi — e motivação para divulgar quadrinhas de caráter popular, com alusões ao chefe revolucionário Bento Gonçalves da Silva.

Situado entre o romance romântico e o histórico, Apolinário opta pelo primeiro, esquecendo a intenção sugerida nas páginas de abertura de *O vaqueano*. Isso consubstancia uma diferença com *O guarani* em que Alencar, decidindo-se pelo mito em lugar da História, proporciona ao romance uma função primordial, garantindo seu lugar como obra de fundação.

A anotação denuncia uma limitação ao projeto ficcional de Apolinário para o qual convergem outras, quando se avalia a obra em função da representação do espaço rio-grandense. O primeiro item retoma a figura do vaqueano José de Avençal. Construída para desempenhar o papel de representante do tipo local, a personagem desloca-se de seu referencial regional, demonstrando seu comportamento em torno dos aspectos peculiares aos dos heróis românticos. Nesse paradigma, Avençal realiza o objetivo de vingança da história ficcional: sua condição de vaqueano não interfere na consecução de sua missão.

No segundo, o efetivo contexto local não aparece. Da natureza da região sulina aos valores ideológicos do movimento farroupilha, a narrativa quase nada revela. Em sua representação natural, o cenário é descrito em suas generalizações, impossibilitando o reco-

nhecimento do ambiente regional; o ideário farroupilha que preconiza maior autonomia às províncias imperiais, não é ventilado. Nem mesmo o universo social rio-grandense é atingido: na tentativa de cumprir com os pressupostos observados na obra de Alencar, Apolinário investe na representação do contingente indígena, quando esse não ocupa lugar de destaque na sociedade local.

O reconhecimento desses fatos é imprescindível para a discussão das possibilidades de concretização da literatura rio-grandense, na obra de Apolinário Porto Alegre. Pretendendo determinar os pressupostos para a manifestação dessa, o autor sulino empenhar-se na análise de obras literárias brasileiras, o que traz consequências ao processo literário gaúcho.

A narrativa *O vaqueano* demonstra uma tendência acentuada nacionalista, apoiando-se num mecanismo de transferência onde o elemento rio-grandense substitui outros tipos nacionais já apresentados pela literatura — o índio, por exemplo — o oferece outros recursos da região para o desenvolvimento da trama romântica: o espaço e a história do território.

Se a narrativa de Apolinário permite apontar o nascedouro da literatura de sua Província, no bojo do Romantismo americanista professado por Alencar, ela decreta a impossibilidade de manifestação de um fenômeno artístico próprio da região. Ajustada ao movimento romântico e calcada na produção do autor de *O guarani*, a obra do literato gaúcho não firma o critério de originalidade capaz de declarar a especificidade do fenômeno local em relação a outro mais amplo — o nacional. Isso acontecerá quando o local for entendido como diferente e exige o reconhecimento de que ele só adirá quando localizado num espaço distante, marcado por hábitos e costumes que sejam estranhos à literatura nacional.

## NOTAS

1. PORTO ALEGRE, Apolinário. *O vaqueano*. Porto Alegre, Movimento; Brasília, INL, 1987.
2. Id. *ibid.* p.26.

3. Id. ibid. p.25.
4. Id. ibid. p.26.
5. O quadrante delimitado pelo romancista corresponde a uma área do território rio-grandense onde os rebanhos, abandonados e bravios, reproduziram-se à solta, formando, numa época distante, uma imensa reserva de gado conhecida como "Vacarfa del Mar". O dado é significativo, porque dessa área lança-se o fundamento econômico básico da terra gaúcha: a preia de gado xucro. A informação encontra-se em: PE-SAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980. p.9.
6. PORTO ALEGRE, Apolinário. Op. cit. nota n.1, p.25.
7. Id. ibid. p.61.
8. Id. ibid. p.61.
9. Id. ibid. p.66.
10. Id. ibid. p.67.
11. Id. ibid. p.37.
12. Id. ibid. p.39.
13. Id. ibid. p.61-2.
14. Id. ibid. p.30.
15. Id. ibid. p.31-2.
16. Id. ibid. p.32.
17. Id. ibid. p.42.
18. Id. ibid. p.90.
19. Id. ibid. p.42.
20. Id. ibid. p.77.
21. Id. ibid. p.80.
22. Id. ibid. p.102.